



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VII GOVERNADOR ANTONIO MARIZ
CENTRO DE CIENCIAS EXATAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE FÍSICA
CURSO LICENCIATURA EM FÍSICA**

VALDIELLE DOS SANTOS TRAJANO

**DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES
COM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

**PATOS-PB
2022**

VALDIELE DOS SANTOS TRAJANO

**DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES DE
COM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
licenciatura em Física.

Área de concentração: Ensino de
Física.

Orientador: Prof. Ms. Rejane Maria da Silva Farias

**Patos-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T768d Trajano, Valdielle dos Santos.
Desafios e estratégias na prática docente de professores com estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) [manuscrito] / Valdielle dos Santos Trajano. - 2022.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Rejane Maria da Silva Farias , Coordenação do Curso de Física - CCEA."

1. Ensino da Física. 2. Prática docente. 3. Ambiente escolar. 4. Inclusão. 5. autismo. I. Título

21. ed. CDD 370.115

VALDIELLE DOS SANTOS TRAJANO

**DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES
COM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
licenciatura em Física.

Área de concentração: Ensino de
Física.

Aprovada em: 27/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

Rejane Maria da Silva Farias

Prof. Ms. Rejane Maria da Silva Farias (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Pedro Carlos de Assis Junior

Prof. Dr. Pedro Carlos de Assis Junior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rozana Bandeira da Silva

Prof. Rozana Bandeira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico aos meus pais pelo apoio em todos os
momentos difíceis da minha trajetória acadêmica.
Este trabalho é dedicado a eles.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho. Aos meus pais Marcos e Suenia, por todo apoio e incentivo durante esses anos de cursos, e por sempre acreditar em mim. Aos meus irmãos Waldeir, Wanessa e Walesa por sempre estarem comigo. Ao meu Noivo Rael Oliveira por todo apoio, dedicação e paciência. E a toda a minha família em geral por todo o apoio e carinho. A docente Rejane Maria da Silva Farias por ter sido minha orientadora e ter desempenhado a função com dedicação e amizade, obrigada por todos os ensinamentos. As minhas melhores Amigas Raissy Allana e Letycya Lucena por todo companheirismo e apoio. Aos meus colegas de curso da graduação Maria Kamila, Rafaela Andrade, Leonardo, Juliene, Albuino, Lucimar, Mitânio, Ronaldo, Antônio, Ana Paula por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso. A todos os meus docentes de graduação em licenciatura em Física por todo conhecimento, ensinamentos e aprendizado. Por fim agradeço a universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que foi essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 DESENVOLVIMENTO	4
2.1 A formação continuada do professor	4
2.2 Inclusão do autista.....	7
2.3 Perspectivas e possibilidades de inclusão de alunos autistas nas aulas de Física	9
3 METODOLOGIA	11
3.1 Participantes da pesquisa.....	11
3.2 Contexto da pesquisa.....	12
3.3 Procedimento.....	12
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
4.1 O autismo e a inclusão na concepção dos professores	13
4.2 Desafios enfrentados pelos professores no processo de inclusão:	14
4.3 Formação continuada e inclusão de alunos autistas	14
4.4 Práticas pedagógicas utilizadas pelos professores para inclusão	15
4.5 Estratégias para o ensino de Física para alunos autistas na visão de uma licencianda em Física.	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	

RESUMO

A prática pedagógica docente dos professores para a inclusão de alunos com TEA é um grande desafio. Principalmente na aula de física por se tratar de uma disciplina que assumiu um caráter de ser “Árdua”, de difícil assimilação e posteriormente por se tratar de situações com as quais se exija a abstração, fato desafiador para o autista. Sendo assim, o presente trabalho se propõe argumentar sobre os desafios e as estratégias dos professores diante do aluno autista. A metodologia utilizada foi bibliográfica seguida de entrevista semiestruturada com professores que atuam na educação básica e atendem estudantes com o TEA. Foram entrevistados 5 professores que citam dentre outras coisas, a formação continuada como um desafio educacional. A formação exclusiva sobre essa temática, a falta de estruturas físicas para receber os alunos, aliados aos problemas enfrentados em sala de aula são desafiadores. Também é citado a falta de especialização e materiais para trabalhar com aluno autista, segundo a maioria dos professores pesquisados, eles não se sentem preparados para receber este aluno na sala de aula e resolvem trabalhar metodologias diferentes com a equipe escolar. Conclui-se que a inclusão do indivíduo com TEA não depende somente do professor e de sua prática pedagógica com estratégias facilitadoras, mas sim, um conjunto de ações de toda a comunidade escolar para poder beneficiar com qualidade essa inclusão.

Palavras-chave: Autismo, Professor, Ambiente, Escola, Inclusão.

ABSTRACT

The teaching pedagogical practice of Physics teachers for the inclusion of students with ASD is still a challenge today. Initially, because it is a discipline that assumed a character of being "hard", difficult to assimilate and later because it deals with situations with which abstraction is required, a challenging fact for the autistic. Therefore, the present work proposes to argue about the challenges and strategies of Physics teachers facing the autistic student. The methodology used was bibliographic followed by a semi-structured interview with teachers who work in basic education and serve students with TEA. Five teachers were interviewed who cite, among other things, continuing education as an educational challenge. The exclusive training on this subject, the lack of physical structures to receive students, combined with the problems faced in the classroom are challenging. The lack of specialization and materials to work with autistic students is also mentioned, according to most of the teachers surveyed, they do not feel prepared to receive this student in the classroom and decide to work with different methodologies with the school team. It is concluded that the inclusion of the individual with TEA does not depend only on the Physics teacher and his pedagogical practice with facilitating strategies, but rather a set of actions by the entire school community to benefit from this inclusion with quality.

Keywords: Autism, Teacher, Environment, School, Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido bastante analisada, pois se diz que o ambiente escolar é um dos melhores lugares para que aconteça a inclusão desses alunos. Quando se fala em inclusão é necessário que o professor tenha preparo e enfrente os desafios que normalmente precedem o processo de ensino e aprendizagem. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado em três graus: autismo leve, moderado e severo. Etimologicamente falando, autismo vem da palavra de origem grega "autos" cujo significado é "próprio ou de si mesmo", sendo caracterizado como um distúrbio neurológico que surge ainda na infância causando atrasos no desenvolvimento (na aprendizagem e na interação social) da criança. Os primeiros registros datam de 1911, feitos pelo pesquisador Eugen Bleuler, referindo-se a indivíduos com perda de contato com a realidade. Mas, foi em 1940 que o psiquiatra austríaco, Léo Kanner, definiu o termo autismo, quando identificou comportamentos e distinções diferentes em algumas crianças como dificuldades em estabelecer relações comunicativas com outras, além de resistência a mudanças e isolamento (CRUZ, 2014).

O autismo não tem causa definida. É um transtorno que provoca atraso no desenvolvimento infantil, comprometendo principalmente sua socialização, comunicação e imaginação. Manifesta-se até os três anos de idade e ocorre quatro vezes mais em meninos do que em meninas. Algumas características são bem gerais e marcantes, como a tendência ao isolamento, a ausência de movimento antecipatório, as dificuldades na comunicação, as alterações na linguagem, com ecolalia e inversão pronominal, os problemas comportamentais com atividades e movimentos repetitivos, a resistência a mudanças e a limitação de atividade espontânea. Autistas geralmente possuem bom potencial cognitivo, embora nem sempre demonstrem. Capacidade de memorizar grande quantidade de material sem sentido ou efeito prático. Dificuldade motora global e problemas com a alimentação (Kanner, *Apud* Menezes, 2012, p. 37).

Atualmente, a educação inclusiva tem sido um dos maiores desafios para toda comunidade escolar. Existe grande quantidade de alunos autista matriculados na rede de ensino e os docentes, em sua maioria, não se sentem preparados para essa inclusão. Grande parte dos professores desconhecem estratégias de como se deve trabalhar com aquele discente em sala de aula. Com isso, em algum momento encontramos docentes em situações de intensa insegurança, medo, sentimento de incapacidade e desânimo na escola pois não conhecem ações para trabalhar com o aluno que tenha necessidades educativas especiais.

Discutir sobre inclusão se torna conveniente e é uma necessidade emergente para toda a sociedade, fazendo com que se diminua as dificuldades enfrentadas por crianças, adolescentes, jovens e idosos que tem Transtorno do Espectro Autista (TEA) por conviver na coletividade padrão. No entanto, existem muitas barreiras para o autista e algumas razões influenciam na relação desses alunos, pois, alguns comportamentos conseguimos enxergar que são a interação social comprometida, a comunicação, e o interesse profundo a um determinado assunto. Contudo, algumas interações são sutis e carecem de atenção e comprometimento com a prática educativa.

Para alguns adolescentes autistas obscurece no ensino aprendizagem, outros conseguem estudar e trabalhar, mas em alguns casos têm o afastamento social dos adolescentes para aprender e conviver com os colegas em sala de aula e a falta de concentração na aprendizagem.

O método inspira o respeito mútuo e mesmo cada criança sendo responsável pela realização de suas atividades, elas podem interagir, já que um dos principais objetivos do método é preparar o aluno para ser livre, porém estando apto para as práticas sociais. Contudo, ainda que o convívio social entre diferentes idades possa ser preservado, observa-se que o método conduz sempre a participação e resolução dos problemas (OLIVEIRA, 2010).

Por isso, a formação do profissional é importante para atender os alunos com necessidades educacionais especiais, assim como a todos na sua coletividade, uma vez que não há turmas completamente homogêneas. Capacitações e formações continuadas serão sempre bem-vindas trazendo ideias para ser trabalhadas com estes alunos. Assim como contribui Tony Booth e Mel Ainscow (2000 *Apud* KUBASKI, 2013) com uma abordagem neste conceito de inclusão:

1. Presença: sem classes separadas ou outra segregação, se o aluno participa de práticas conjuntas ou separadas de seus colegas, como a frequência desse aluno na escola, o local que esse aluno está inserido, correspondência entre o ano escolar e a idade cronológica. **2. Participação:** qualidade de experiências educacionais; tais como o engajamento do aluno em atividades conjuntas. **3. Aceitação:** pelos professores, colegas e equipe da escola, ou seja, relação com colegas, professores e demais funcionários da escola, melhores amigos, quem o auxilia, quem ele busca. **4. Aprendizagem:** ganhos acadêmicos, emocionais e sociais, por exemplo, como é realizada a avaliação desse aluno, principais recursos e dificuldades, etc. (BOOTH; AINSCOW, 2000 *apud* KUBASKI, 2013, p. 24)

No entanto, a educação inclusiva tem sido um problema para os profissionais do ensino devido os alunos estarem em sala de aula, e o docente não tem conhecimento das estratégias como trabalhar com este aluno no ambiente escolar, estando despreparados para realização de atividades com estes.

Diante do exposto, se pretende neste trabalho argumentar sobre os desafios e as estratégias dos professores de Física diante do aluno autista. Como intensificar o trabalho pedagógico de modo a dar visibilidade a todos, com igualdade de direitos de aprendizagem.

Atualmente nas escolas um dos métodos, mas utilizados para a aulas de física é o uso do livro didático, essa forma de ensino está basicamente formada pela resolução cansativa de teoria e exercícios na qual deixa os alunos desmotivados a estudar a disciplina. No entanto, o Ensino de física necessita ser feito de uma maneira que possa mostrar para os alunos que a ciência tem uma grande relação com nosso cotidiano, fazer essa relação no dia a dia, levar experimentos para a sala de aula e mostrar como de fato funciona na prática, isso gera curiosidade, interesse e motivação pela matéria, pois muitos dos alunos hoje em dia tem um certo receio com a disciplina pois a mesma só é vista através de fórmulas e cálculos matemáticos, dificilmente é mostrada, tendo alguma relação com o cotidiano. Se para os alunos que não possuem necessidades educacionais especiais é de difícil compreensão o estudo da física através dos livros, de métodos repetitivos e memorização, imaginem esta situação para os alunos com necessidades educacionais especiais. Por isso, o professor deve aprofundar seus estudos visando adquirir uma compreensão por parte de todos os alunos e possível gosto pelo assunto que está sendo abordado, a prática é uma ótima aliada para o ensino de Física, pois nela o aluno pode ver através de experimentos o que a teoria diz.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A formação continuada do professor

De modo geral, a formação continuada do professor é um tema de bastante debate e pesquisas na academia. Se faz necessário que este profissional esteja sempre em processo de formação, levando em conta que a educação não é estática e que precisa estar em consonância com a sociedade. O Autismo solicita do professor uma preparação adequada, uma capacitação, pois os educandos necessitam dessas competências profissionais para atuarem numa educação que seja de fato inclusiva e não somente dita com aspectos inclusivos. Incluir não é somente estar presente, mas poder atuar e garantir os direitos de aprendizagem para todos, sem distinção de nenhuma natureza.

Na escola em que o professor é mediador e tem alunos com necessidades educacionais como os autistas, precisam conhecer mais métodos pedagógicos e também psicológicos para que possam dá suporte a qualquer eventualidade que o aluno venha precisar dentro do ambiente escolar. Mas, para que isso aconteça os professores necessitam ter uma formação adequada para poder desenvolver um trabalho satisfatório com o aluno e na maioria das vezes não existe essa formação, apenas fazem as matrículas dos alunos e deixam o professor se virar sozinho com a inclusão do mesmo.

Talvez por essa razão encontramos docentes desmotivados no ambiente escolar, devido ao fato de não conhecer nenhuma ação pedagógica para trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, principalmente com o diagnóstico de autismo que envolvem várias patologias. Este aluno não consegue interação com o colega, tem dificuldade de linguagem oral e visual, não gosta de ser tocado, e tem uma grande dificuldade no relacionamento com a turma.

Sabendo da importância destas questões inclusivas, os profissionais não se sentem devidamente qualificados, nem estão adaptados a quais estratégias utilizar para trabalhar com esse aluno com necessidade especial. Muitas vezes ocorre uma desmotivação por parte do educador, pois ele não está preparado para atender todas as necessidades do aluno. Uma das alternativas encontradas por esses educadores é buscar inovar seus métodos de aula através do planejamento para poder tentar suprir as necessidades desse aluno, assim como os demais estudantes da sala.

Com a falta de materiais e especialização para trabalhar com autista em sala de aula e a falta do ambiente escolar, a iluminação atrapalha esses alunos e outros critérios que não

são disponibilizados na escola. Os docentes sofrem uma decadência pela falta de contribuição. Assim como cita Mazzota (2011).

Mazzota (2011) reforça que, em todos os níveis de ensino, a maioria das professoras não se sente preparada para atender os alunos com deficiência. O autor reforça que questões como o número expressivo de alunos por professor, a ausência de recursos e de materiais pedagógicos, a precariedade de orientação e suporte das instâncias administrativas muitas vezes se tornam empecilhos para a prática da inclusão escolar (MAZZOTA, 2011).

Com isso, é fundamental que se entenda a contribuição da formação inicial e continuada para professores. Uma vez que, apesar de enfrentar esses desafios, os alunos ainda têm dificuldade pela falta de especialização do professor.

As ações que apresentam sucessos em sistemas inclusivos mostram que é imprescindível alterações em suas práticas passando desde diminuição do número de alunos por classe, [...], plano individual de ensino, melhoria da formação profissional [...], com uma pedagogia centrada na criança baseada em suas habilidades e não em suas deficiências, e que incorpore conceitos como interdisciplinaridade, individualização, colaboração e conscientização/ sensibilização. (CAPELLINI, 2001 apud PRAÇA, 2011, p. 58).

No entanto, os professores precisam estar capacitados, preparados e conscientes de que sua participação nesse processo será de suma importância para que essa inclusão aconteça de verdade. E para que esse profissional não se sinta sozinho é necessário que se tenha uma parceria com as famílias e as escolas para assim atender com eficácia as necessidades do aluno autista em consonância com os demais alunos. Tendo assim, um ganho na aprendizagem da criança com autismo pois com todos preparados e com estratégias de ensino adequado os alunos passam a aprender no seu ritmo e até conseguem uma interação dentro da sala no processo de colaboração mútua.

Quando pensamos em formação continuada, Libâneo (2004), nos faz refletir sobre uma formação que necessita fazer parte do contexto escolar, dos desafios que o educador busca intervir e mediar. É necessário entender a formação continuada como parte de um processo que visa à melhoria na qualidade de ensino, uma formação permanente no processo de aprendizagem, tendo em vista que novos desafios surgem constantemente.

Sendo assim, é fundamental entender que a formação continuada necessita estar articulada com a formação inicial, uma vez que os conhecimentos estão em constante mudança. Nesse contexto podemos trazer o pensamento de Brites e Brites (2019) quando diz que:

Os profissionais da escola, sejam da área de gestão ou da sala de aula, devem conhecer e entender sobre o autismo e assumir- juntos e como uma verdadeira equipe- uma postura de compreensão, em que cada um de cada área dará o seu melhor para promover o trabalho e as habilidades do outro. (BRITES; BRITES, 2019, p. 142).

Para Correia (2008), com a educação inclusiva surgem maiores exigências e desafios para as escolas e para os professores. É necessário também que, os currículos atendam às características dos alunos.

Capacitar os professores e as escolas a trabalhar com um currículo que responda a estas exigências é, pois, o grande desafio que se coloca à própria escola e aos serviços de apoio”. Planificar a aprendizagem e a participação de todos os alunos sem recorrer a respostas estereotipadas e pré-definidas, procurar as melhores formas de adaptar ou modificar o currículo à diversidade das 15 necessidades dos alunos, trabalhar em articulação com outros profissionais ou serviços, promover a colaboração e partilha de informações e experiências entre professores, dinamizar a produção de materiais curriculares, a observação mútua de aulas, a emergência de parcerias pedagógicas, incentivar a experimentação e inovação pedagógica. (CORREIA, 2008, p. 47).

É necessário que na escola exista uma preocupação principalmente com a capacitação de seus docentes, pois estes é que irão mediar o processo educativo na sala de aula. Conforme Baptista (2006. p. 93) “[...] o compromisso do educador tem como base a apropriação de seus próprios recursos e instrumentos: a observação, o diálogo, a negociação e a avaliação retroalimentam o agir do educador”. Nesta mesma direção, segundo Fumegalli (2012, p. 40),

A formação continuada deve ser objetivo de aprimoramento de todo professor, porque o educador deve acompanhar o processo de evolução global, colocando a educação passo a passo no contexto de modernidade, tornando-a cada vez mais interessante para o aluno, a fim de que ele possa compreender que, na escola, ele aperfeiçoa sua bagagem. É nesse processo que o professor pode ver e rever sua prática pedagógica, as estratégias aplicadas na aprendizagem dos alunos, os erros e acertos desse processo para melhor definir, retomar e modificar o seu fazer de acordo com as necessidades dos alunos. (FUMEGALLI, 2012, p. 40),

Perante o exposto, entendo que a formação continuada dos professores é um processo de evolução pois é sempre importante está em busca de melhorias para inovar em sua sala de aula, com o objetivo de melhorar sua prática docente para que assim possa acompanhar o processo de aprendizagem. É importante que se tenha formação continuada para que se possa incluir metodologias inovadoras, desenvolvendo conhecimentos e agregando aprendizagem aos alunos. A formação docente continuada é essencial nesse processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais pois é através da formação que o docente irá ter noções por onde começar a fazer o processo de inclusão assim tornando um aprendizado satisfatório.

2.2 Inclusão do autista

Um dos grandes desafios da atualidade é a inclusão do autista nas escolas. A inclusão é um direito garantido por Políticas Públicas, seja nas esferas municipal, estadual e federal. Apesar das leis a inclusão não é tão simples assim devido à falta de conhecimento sobre a questão e as dificuldades que as instituições apresentam para lidar com a diversidade. As instituições não podem recusar a inserção desses alunos. Entretanto, entrar na escola não garante a inclusão, é preciso também garantir sua aprendizagem e a qualidade do ensino que deve ser oferecer.

O cenário educacional brasileiro atual não é feito para todos. Muitas escolas não estão preparadas para receber crianças autistas, uma grande reestruturação deveria ser feita, a escola é quem deveria se adaptar para receber todos os estudantes independente de qualquer situação e não o contrário. É necessário a elaboração de um plano de ensino que atinja e respeite a capacidade de todos os alunos, propondo atividades diversificadas considerando o conhecimento de todos os alunos da escola, é preciso explorar a variedade e o novo (CARVALHO, 2020).

Infelizmente, as leis estabelecidas que garantem o acesso às escolas não são suficientes e com isso ocorre o fracasso escolar. É possível destacar dificuldades encontradas que acabam tirando a responsabilidade da escola de ensinar a todos: falta de criação de estratégias de aprendizagem; professores despreparados para receber alunos autistas ou com alguma deficiência; e o elevado número de alunos dentro da sala de aula para apenas um professor.

A inclusão necessária é um grande desafio, é importante proporcionar condições de

desenvolvimento por caminhos alternativos. Seria importante propor estratégias de ensino aprendizagem que visam não só os autistas como também a todos os presentes nas salas de aula.

É importante ressaltar que a presença do autista na escola já é um amplo progresso, mas não é garantia de aprendizagem mesmo com acompanhamento de um profissional especializado a disposição. Para que a inclusão tenha sucesso, as escolas, os profissionais e, principalmente, professores precisam de uma formação mais adequada, o que inclui competência técnica e acesso a estratégias pedagógicas assertivas, afim de abranger a todos, superando as salas lotadas, a falta de recurso e capacitações.

As pessoas que possuem alguma característica que afete o desenvolvimento, são capazes de aprender, mas para isso é importante que o grupo social ao seu redor crie condições para que isso de fato aconteça. Quando se tem condições de aprendizado no ambiente escolar, o autista tem um grande potencial de desenvolvimento, além disso tem a oportunidade de viver interações sociais significativas, desenvolver habilidades e criatividade, expandindo sua formação pessoal. (CRUZ, 2014, p.159).

A inclusão é um passo extremamente importante para a formação do autista, trazendo contribuições na autonomia e no seu desenvolvimento, preparando para os obstáculos que irão aparecer no futuro, pois após a idade escolar eles se deparam com o mercado de trabalho.

Mantoan (2009), relata que a inclusão é estar com pessoas diferentes de nós e reconhecer e compreender o outro, em todos os quesitos. É o acolhimento de todas as pessoas, sem exceção (MANTOAN, 2009).

Sabendo que de acordo com a Nota Técnica nº 04/2014/MEC/SECADI/DPEC:

A inclusão de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação em escolas comuns de ensino regular ampara-se na Constituição Federal/88 que define em seu artigo 205 “a educação como direito de todos, dever do Estado e da família, com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, garantindo, no art. 208, o direito ao “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência”. Ainda em seu artigo 209, a Constituição Federal estabelece que: “O ensino é livre à iniciativa privada, atendidas as seguintes condições: I – cumprimento das normas gerais da educação nacional; II – autorização e avaliação de qualidade pelo Poder Público (BRASIL, 2014, p 1).

É de grande importância que todas as escolas de ensino regular aceitem os alunos com necessidades Educativas Especiais, mesmo que para isso seja necessária uma grande adequação por parte da escola e dos docentes, o importante é repensar nessa organização para que possa atender a todos de forma inclusiva.

Entretanto, isso não é tarefa fácil, pois segundo Scardua (2008, p. 2), para que haja inclusão escolar, é necessário comprometimento por parte de todos os envolvidos, ou seja, alunos, professores, pais, comunidade, diretor, enfim, todos que participem da vida escolar direta ou indiretamente.

2.3 Perspectivas e possibilidades de inclusão de alunos autistas nas aulas de Física

Sabemos que o professor é um dos principais responsáveis pelo ensino aprendizagem em sala de aula. Fazemos o uso de planos de aula para que os alunos possam compreender o que está sendo abordado na sala, mas quando se fala em alunos com necessidades educacionais específicas esse plano tem que ser repensado ainda mais, procurando uma aprendizagem significativa.

Para o ensino de Física a elaboração de materiais didáticos voltados para pessoas com necessidades educacionais especializadas é bastante importante para realização da aula, pois o docente conhecendo seu aluno poderá fazer adaptações dos conteúdos abordados com o cotidiano do mesmo, essa realização de aula vai partir do conhecimento de seus alunos, pois só assim o professor estará, mas apto para elaboração de aulas atrativas, lúdicas, dinâmicas e participativa. Pois vai estar envolvendo algo que o aluno gosta com seu conteúdo em sala, assim conseguindo conter a concentração e atenção do autista.

Qualquer que seja o posicionamento teórico e epistemológico adotado, cotidianamente, em suas aulas, é tarefa do professor “estabelecer nexos, continuidades, relações entre as diferentes visões de mundo e aproximar posições que se encontram separadas por abismos conceituais” (MARTINS; OGBORN; KRESS, 1999, p. 2).

O professor de Física pode fazer uso de algumas metodologias para tentar deixar a aula, mas atrativa não só para o aluno com necessidades educacionais especiais, mas para todos presente na aula.

A sala de aula é, por excelência, um espaço coletivo. Nele não atuam sujeitos isolados, mas sujeitos que interagem, com seus afetos e conflitos, por meio da linguagem e da ação coletiva. É na relação com o outro que o estudante elabora suas representações, coordena com outras interpretações, busca argumentos e consolida novos significados (LIMA et al, 2004, p. 19).

Alguns recursos podem ser utilizados, como experimentos voltado a relação do cotidiano, jogos, músicas, tecnologia entre outras, partir desses recursos o professor já consegue fazer uma aula que tenha uma aprendizagem significativa para o aluno, por isso cabe ao professor adaptar seu plano com matérias que se tem disponível e tentar fazer a inclusão do aluno, um pequeno aprendizado durante a aula é um grande passo para todos que buscam fazer a inclusão.

(Friedman, 1996, p. 41) considera que: Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo. (Friedman, 1996, p. 41)

O lúdico está inserido no contexto escolar com objetivos de atividades mais dinâmicas para os alunos, tentando diferenciar um pouco ali a rotina da sala de aula, tendo em vista que a ludicidade é usada desde a educação infantil tornando a aula mais divertida. No contexto do aluno com necessidades educacionais especiais também se torna muito atrativo pois eles têm uma curiosidade grande em tocar um objeto ou conhecer algo novo. Então, trazer o lúdico para sala de aula como forma de aprendizado é um fator fundamental para a educação inclusiva, pois irá promover uma participação e aproximação do Autista com os demais alunos.

Investir nas aulas mais práticas, incorporando a ludicidade trará situações satisfatórias para a aprendizagem de todos, desenvolvendo o espírito questionador e investigativo no aluno.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa busca compreender e argumentar sobre os desafios e as estratégias dos professores de Física diante do aluno autista dentro do ambiente escolar, desde a vivência com os colegas até o seu aprendizado. Abordo sobre o que é o Autismo, o papel do professor, as dificuldades encontradas e as metodologias, dando continuidade, descrevo que a educação inclusiva tem sido um problema para os profissionais da área, desde a falta de espaço para trabalhar com esses alunos até a sua própria Formação. O recurso metodológico utilizado para alcançar o objetivo de avaliar a inclusão do aluno com autismo, na sala de aula, teve como base uma pesquisa realizada em uma escola pública de Cacimba de Areia-PB. Para obtenção de resultados foi utilizado a pesquisa qualitativa. A mesma houve caráter Descritivo e exploratório, no qual levou o sujeito pesquisado a pensar e descrever de forma espontânea sobre o assunto abordado sem a presença do pesquisador. Foi utilizado questionário com perguntas claras e objetivas, o mesmo serviu como suporte para a pesquisa. No caso como foi feita pesquisa qualitativa o pesquisador se livra de dados quantitativos, se preocupando em apreender as informações que trouxessem maior profundidade no aspecto observado.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve o do mesmo modo (LAKATOS, 2007, p.203).

3.1 Participantes da pesquisa

Para realizar o trabalho foram selecionados 5 professores da sala de aula comum, os selecionados foram das salas do 6º, 7º e 8º anos, com formação em Matemática, Biologia, História, letra e pedagogia. Possuíam também, especialização em educação e certa experiência na área pedagógica, principalmente por estarem há bastante tempo exercendo a função. Por serem professores da educação básica do ensino fundamental II não tivemos professores com formação em Física. Fato que não descredencia a pesquisa, uma vez que

os docentes vivem conjuntamente na realidade educacional da educação brasileira, pouco se difere entre as áreas.

3.2 Contexto da Pesquisa

A pesquisa aconteceu em uma Escola Municipal na área Urbana do Município de Cacimba de Areia-PB. A mesma dispõe de ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e II (6º ao 9º), a mesma atende alunos tanto da área urbana como também da área rural, possui espaço amplo e adequado para o funcionamento. Na referida escola possui 2 alunos Autistas no fundamental II

3.3 Procedimento

1º Momento: Contato com a Gestão Escolar para apresentação da pesquisa e pedido de Autorização.

2º Momento: Reunião com os participantes da pesquisa para disponibilização e apresentação do questionário.

3º Momento: Organização e análise dos Dados Coletados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi desenvolvida por meio da aplicação do questionário aplicada aos professores para coletar informações precisas e consistentes sobre as estratégias utilizadas nas salas e os desafios enfrentados para uma inclusão satisfatória. Foi analisado por categoria as respostas dos professores. E serão apresentados de acordo com o que se coloca sobre o tema do atual trabalho.

4.1 O autismo e a inclusão na concepção dos professores

De acordo com o direcionamento que procurou saber dos professores pesquisados qual sua percepção sobre a inclusão de alunos com TEA e suas opiniões sobre o tema. Foi possível observar que os professores têm um conhecimento sobre a inclusão do Autista, e mostram conhecer um pouco sobre o transtorno do espectro autista e suas características. Como podemos observar nas respostas do professor 01 e 02.

A inclusão escolar é fazer com que o aluno se envolva nas atividades, interagindo com qualidade em sala de aula. Além de desenvolver suas habilidades, participar da rotina da escola, aprender e brincar com outras crianças. (P. 01).

É muito importante para o desenvolvimento do aluno, pois através da inclusão o mesmo pode sentir igual aos outros, sendo tão capaz como eles, de acordo com suas limitações. (p.02).

Percebe-se através desses depoimentos que os professores possuem conhecimento acerca do conceito de inclusão do Autista, mostrando que já buscaram conhecer melhor sobre este transtorno e suas características. Então esse conhecimento pode ser favorável e ajudar no trabalho desenvolvido em sala de aula tanto na busca de estratégias como também no tratamento com o próprio Aluno. É de suma importância os professores conhecerem as características do autismo pois já se torna proveitoso para esse processo de inclusão.

Considerando a importância do professor no processo de ensino educativo e inclusivo, conhecer sobre o processo e ter formação é extremamente importante, pois quanto mais se estuda e se qualifica sobre determinado assunto nos sentimos, mas seguro na hora da prática.

Então, quando se fala em incluir, o professor precisa buscar sobre o que é inclusão para que mesmo não havendo formação ele ter uma contextualização sobre o conteúdo e buscar alguma maneira para que ocorra a inclusão e não somente incluir o aluno no espaço escolar sem que mesmo conheça seu histórico de necessidades.

4.2 Desafios enfrentados pelos professores no processo de Inclusão:

Com relação aos desafios enfrentados pelos professores no processo de inclusão de alunos autistas foi possível evidenciar que de acordo com os professores são vários os desafios que são enfrentados por eles para a inclusão de autistas na escola. Apesar de que se fala muito em inclusão de alunos com necessidades especiais, para esses professores as dificuldades são várias as quais podem interferir em um trabalho não adequado para o processo inclusivo. Na realidade existe muitos obstáculos que dificultam o trabalho realizado por alguns professores. Como por exemplo o que sugere os professores 02 e 03 da nossa pesquisa.

A comunicação, quando ele se isola, pouco apoio pedagógico, quando seus colegas de classe não querem ajudá-lo e há também falta de muita informação sobre o autista para o professor atuante. (p 02)

Falta de formação adequada, ausência de locais adequados para que esse aluno se sinta confortável. (P 03)

Por estas respostas dá para perceber um pouco de insegurança do professor quanto ao atendimento do aluno autista, está relacionada a falta de uma formação adequada, a falta de apoio pedagógico, falta de informação, como também ausência de lugares adequados para os alunos se sentirem confortáveis para assim ter um bom desenvolvimento. Estas com certeza são os maiores desafios dos professores diante esse processo de inclusão. Não se deve focar somente em matriculas nas escolas, mas sim em todo um preparo todo um apoio educacional para que a inclusão seja feita de modo satisfatório

4.3 Formação continuada e inclusão de alunos autistas

No que se refere a formação continuada analisando as respostas dos professores pesquisados, alguns possuem conhecimento da inclusão. Porém precisam de mais formação e informações acerca do assunto pois os mesmos mostram se sentirem despreparado para atuar com o autista em sala, ou seja, há uma falta de preparo para que sejam capazes proporcionar uma inclusão como garantido na lei. Como podemos observar nas respostas dos professores 02, 03 e 04:

Especificamente não. (P 02)

Não. (P 03)

Fiz algumas capacitações sobre Autismo. (P 04)

Os professores se sentem inseguros por não ter conhecimentos suficientes para trabalhar em sala com os alunos autistas, pois não tiveram formação específica no assunto, já os que tiveram foi algo bem superficial pois os mesmos demonstram muita insegurança. Com isso gera um certo prejuízo para o aluno e para a família, pois os alunos estão inseridos nas salas, mas não estão recebendo a inclusão como de fato é garantido pois o professor não tem condições de fazer um trabalho adequado.

4.4 Práticas pedagógicas utilizadas pelos professores para inclusão

Falando agora de práticas pedagógicas específicas para o trabalho com autistas, os professores demonstram a importância do uso de atividades diversificadas sempre buscando adequar essas atividades de acordo com o gosto do aluno, e trazendo algo novo como, envolver suas atividades com algumas brincadeiras ou jogos para assim tentar fazer com que o aluno participe da aula. Como cita o professor 02 e 05.

Alternância de atividades, sempre buscando algo novo que prenda a Atenção e procurando informações sobre o que cada um deles gosta e se identifica. (P 02)

Duvido as tarefas em etapas observando o interesse do aluno para o que chamou mais a sua atenção, apresentando imagens: jogo da memória, quebra cabeça, figura geométrica etc. (P 05)

Pelos relatos dos mesmos podemos dizer que estão fazendo o uso de estratégias que são adequadas para inclusão do aluno, sendo assim estão contribuindo de maneira eficaz na educação do autista proporcionando uma inserção na sociedade. Por mais que não se tem formação percebe-se que os professores tentam fazer com que o autista participe das aulas proporcionando assim uma educação, e esse planejamento do professor favorece estratégias de ensino não só para o autista, mas sim para todos os alunos.

4.5 Estratégias para o ensino de Física para alunos autistas na visão de uma licencianda em Física.

Partindo do meu ponto de vista Educacional e com o pouco de tempo que tenho em sala de aula com aluno Autista, de início é necessário que se tenha uma base sobre o processo de inclusão e sobre o conceito de Autismo Para que se possa fazer o processo inclusivo e atender as necessidades do aluno, em seguida conhecer os gostos do aluno autista, para que se possa fazer a interação com as atividades adaptadas, o professor conhecendo seu aluno e seu cotidiano será essencial pois irá poder atribuir na atividades coisas que esteja relacionado ao gosto do aluno.

Para Vygotsky (1989, p. 84): As crianças formam estruturas mentais pelo uso de instrumentos e sinais. A brincadeira, a criação de situações imaginárias surgem da tensão do indivíduo e a sociedade. O lúdico liberta a criança das amarras da realidade (VYGOTSKY, 1989).

Com diagnostico do aluno em mãos o professor pode optar por fazer aulas criativas, lúdicas, experimentais e atrativas com intenção de conquistar a atenção do aluno, e assim com que ele assimile algo do conteúdo ali estudado. O professor também pode fazer o uso de slides, vídeos, Músicas, simulador (“PhET”) com uso dessas estratégias de ensino faz com o que atraia o olhar do aluno para o possível conteúdo ali mostrado. São apenas estratégias ao meu ponto de vista, mas cabe a cada professor construir seu plano e ver o que se encaixa melhor com seu aluno para que possa alcançar os objetivos.

Camargo (2016), corrobora com essa forma de conceber os recursos multissensoriais no ensino de Física, ao relacionar a estrutura proposta pelo desenho universal, e a utilização nas aulas de Física, de materiais instrucionais a luz dessa perspectiva, com o uso de maquetes, e experimentos multissensoriais, que podem ser utilizados por alunos com ou sem deficiências, fornecendo ao

indivíduo possibilidades de interação com o objeto a ser analisado, ampliando as formas de se aprender (CAMARGO, 2016).

Segundo Horn (2004), o lúdico, ou seja, as brincadeiras, jogos e brinquedos são fundamentais e de suma importância para o desenvolvimento da criança como um todo, pois trazem benefícios nos aspectos emocional, físico, social e intelectual.

Então abordar a física de uma forma, mas lúdica, mas divertida beneficiará não só o autista, mas todos os alunos pois vão ter toda uma interação de todos que vão estar envolvidos nesse processo lúdico.

Para compreender o que foi discutido sobre o processo de inclusão com alunos autistas no contexto escolar, percebemos que tem sido um grande desafio para o professor, pois ele deve realizar estratégias diferenciadas para esses alunos.

Apesar de proferir sobre inclusão de alunos especiais, percebi durante a pesquisa que são várias as dificuldades encontradas em sala de aula para estes professores e ainda existem muitos entraves que dificultam o trabalho dos mesmos.

Pude verificar as necessidades e, mais formação e conhecimento dos professores em relação aos alunos autistas, e não só basta ter essa formação e um total conhecimento, mas precisa da presença de todos os profissionais do processo educativo e um ambiente acolhedor capaz de favorecer a socialização do aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises pode constatar uma realidade vivida hoje nas escolas, pois existe uma grande falta de formação e de materiais para se trabalhar com o aluno autista, e isso dificulta o processo de aprendizagem. Para que haja inclusão do Autista o processo vai muito além do que somente a presença na sala, deve se pensar sobretudo na aprendizagem e no desenvolvimento das habilidades para que haja superação das dificuldades.

Os educadores não têm formação qualificada quando se trata da inclusão de uma criança com TEA e as escolas não tem seu padrão estruturado para receber as mesmas e para os profissionais isso se torna um grande desafio, pois vão ter uma série de procedimentos para tentar inserir essas crianças no espaço escolar e fazer com que elas se sintam incluídas para poder ter uma educação satisfatória.

Percebe-se que os docentes têm que fazer o uso das práticas metodológicas diferenciadas para simplificar a compreensão e a socialização dos alunos autistas incentivando-os para a participação das atividades escolares, com isso é de suma importância um ambiente escolar que favoreça aos profissionais para que ele utilize esses conhecimentos na contribuição da educação do autista.

Sabemos então que a Educação é um dos passos mais importante na vida do Autista, pois o mesmo vai conseguir desenvolver tanto praticas acadêmicas como atividades do cotidiano. Não é fácil a aprendizagem do Autista, mas com força determinação e amor eles conseguem ter um bom desenvolvimento chegando a alcançar uma vida mais independente. Dessa forma, considero que a pesquisa dessa temática ampliou meu olhar sobre o autismo, e um olhar sensível a pratica de professores pois os mesmos passam por vários desafios diariamente para tentar incluir e promover o aprendizado do Autista.

REFERÊNCIAS

ALVES, Emmily Barbosa. Os desafios do professor e suas práticas pedagógicas no ambiente escolar com alunos autistas. *autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista*. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/>

ANGELO, Jamisson Da Silva. O papel do professor na inclusão do aluno autista. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 07, Vol. 03, pp. 137-150. Julho de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/aluno-autista>

BRASIL. Ministério da educação /secretaria de educação continuada, alfabetização, diversidade e inclusão/diretoria de políticas de educação especial. Nota técnica nº 04 Mec / Secadi/Dpee. Brasília. 2014. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15898-nott04-secadi-dpee-23012014&category_slug=julho-2014-pdf&Itemid=30192.

COSTA, Shirley Maria Silva da et al. **Os desafios do professor diante do aluno autista no processo da aprendizagem escolar**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_

EDUCERE., Xi Congresso Nacional de Educação. **O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo**. 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7969_6165.pdf.
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>
[HTTPS://WWW.PSICOLOGIASDOBASIL.COM.BR/INCLUSAO-DOS-AUTISTAS-NAS-ESCOLAS/](https://www.psicoologiasdobrasil.com.br/inclusao-dos-autistas-nas-escolas/)

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: [MD1_SA10_ID8519_26082018081511.pdf](https://www.revistaeducacao.org.br/revista/20/34/8-de-setembro-de-2020/oliveira-francisco-lindoval-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista)

NASCIMENTO, Maria Andreza. NASCIMENTO, Anderson Brito. SANTOS, Mariluze Riani. Uma autista na educação infantil. 2017. 12 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Pedagogia Pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7403/pdf>.

NEUROSABER. Aluno com autismo: como vencer os desafios na escola? Disponível em: <https://neurosaber.com.br/aluno-autista-como-vencer-os-desafios-na-escola/>.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval de. Autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista. **Revista Educação Pública**. 2021. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/>

SILVA, Raissa Maria Aragão. Contribuições da formação continuada de professores frente ao transtorno do espectro autista. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.8, n.1, p. 71-82, Jan.-Jun., 2021